

Quando o psicodrama também é cultura

Cida Davoli

O título deste capítulo, comporta dois conceitos que podem se tornar um problema, caso não o definamos como os entendemos, por serem, dois conceitos abertos e abrangentes. Vamos, então tentar delimitar o que entendemos por cultura e depois o que entendemos por psicodrama para a partir daí, podermos estabelecer uma linguagem comum, e desenvolvermos o que pretendemos discutir neste capítulo.

A palavra cultura vem do latim *colere*, que quer dizer cultivar, tratar, cuidar, abrangendo dois vocábulos gregos: *georgia* (agricultura) e *mathemata* (conhecimento adquirido). A cultura refere-se a conhecimentos, crenças, artes, leis, moral, hábitos, costume e capacidades adquiridas pelos homens como membros de uma sociedade.(Cunha, 2003) Utilizamos neste artigo o sentido de cultivar conhecimentos, hábitos e costumes. Quando falamos em Psicodrama, como no título acima, referimos a metodologia criada por J.L.Moreno, mas colocamos o foco na construção em grupo e no grupo dos papéis sociais, do cidadão ativo. Destacamos a qualidade da grupalidade que surge pela prática psicodramática, como a placenta social dos papéis de cidadão, cidadão ativo, co-participante, responsável por si e pelo produção grupal em oposição ao individualismo vigente na nossa “cultura”, que gesta um cidadão passivo, um mero consumidor, no nosso caso, da famigerada, indústria cultural .

Portanto o título se refere ao cultivo de novos hábitos, conhecimento criado em grupo e no grupo. É a partir dessas perspectivas culturais e psicodramáticas, que desenvolveremos algumas idéias descritas aqui neste texto.

Histórico

O psicodrama de Natal realizado no dia 4/12/2004 que passaremos a relatar faz parte dos Psicodramas Públicos que se realizam todos os sábados no Centro Cultural Sao Paulo (CCSP). Teve sua primeira realização no dia 9 de agosto de 2003.

Tudo começou com o convite que Leopoldo Nosek, presidente da Associação Amigos do CCSP, fez ao nosso grande amigo, o psicodramatista Antonio Carlos Cesarino para organizar Psicodramas Públicos no CCSP. Este, com toda sua experiência de direção psicodramática de grupos, convocou uma reunião com cerca de 25 psicodramatistas próximos a ele, além de Leopoldo Nosek e Carlos Augusto Machado, então Diretor do Centro Cultural e atual Secretário Municipal de Cultura de São Paulo. Finda a reunião todos se comprometeram com a idéia de realizar Psicodramas Públicos. Foram dadas sugestões de data, hora, etc...

Cida Davoli, Murillo Viotti e Ricardo Florez se comprometeram a fazer parte da comissão organizadora destes eventos, juntamente com o Cesarino.

Mais uma vez o Psicodrama poderia cumprir sua grande vocação: “um processo realmente

terapêutico não pode ter como meta final menos que toda a humanidade”, como dizia J.L.Moreno.

O público alvo seriam os usuários do CCSP, que em ultima análise poderiam ser quaisquer cidadãos de ou fora de São Paulo. O número de participantes e a duração deveriam ser combinados previamente.

No dia 9/6/2003, uma segunda reunião foi realizada no Daimon, com os psicodramatistas interessados neste projeto visando um aprimoramento do projeto e um reconhecimento do grupo.

Numa carta-convite para esta reunião enviada aos psicodramatistas, a comissão organizadora reitera o caráter sociométrico do convite, solicitando o repasse da convocação para outros psicodramatistas, aumentando a rede sociométrica.

E foi assim que tudo começou. No 2º semestre de 2003, a comissão organizadora junto com a comunidade psicodramática conseguiu realizar Psicodramas Públicos todos os sábados, com uma audiência média de 70 a 80 pessoas em cada evento. Um sucesso!

O texto abaixo, elaborado pela comissão organizadora serviu de divulgação e apresentação ao publico interessado no Psicodrama Público no CCSP. E ilustra muito bem o espírito deste trabalho.

Novamente surge uma oportunidade de popularizar um pouco mais o Psicodrama. Mas o que é Psicodrama? É uma forma de trabalhar com grupos (e com as pessoas dentro do grupo) de maneira terapêutica, pedagógica, investigativa, que tem três pontos básicos de apoio : teatro, psicologia e sociologia. Não é um teatro como todos conhecem, em que uma peça escrita por um autor é representada por artistas para a platéia. Aqui a platéia e os artistas se confundem.

Há muito tempo se realizam sessões abertas de Psicodrama em São Paulo, isto é, momentos em que as pessoas presentes podem experimentar por algumas horas uma maneira de lidar com questões, tanto pessoal como coletivas de uma forma diferente da convencional. Não apenas se discutem as questões, mas elas podem ganhar mais vida, serem recriadas através de dramatizações. O texto a ser representado surge na hora, o drama a ser representado é o drama do grupo presente. Assim é um teatro, mas no que ele pode ter de mais original: o texto é criado na hora, e os atores são ao mesmo tempo autores do que desempenham. Não é assim na vida? Mas nem sempre as pessoas tem consciência de em que medidas estão criando seus próprios dramas, tanto individuais como grupais e em que nível todos os problemas são sempre coletivos.

Assim se concretiza, em nível simbólico e com a marca emocional da dramatização a clareza de que nosso existir é um pensar e atuar coletivamente. Quando se trata de abordar temas institucionais, cujo interesse, no momento de trabalho, transcende o drama individual, chama-se sociodrama.

Os profissionais participantes apenas ajudam a montar o desenvolvimento das cenas. Dessa maneira, diferente da convencional, pode-se lidar com as questões surgidas, tanto de interesse pessoal como coletivo.

Pois surge uma nova possibilidade (talvez para um público mais amplo) de se vivenciar os momentos mágicos que podem surgir num trabalho desse tipo

Essa atividade dirigida por experientes e diferentes profissionais de São Paulo foi iniciada, a partir de agosto, de 2003, sempre aos sábados, entre 10:30hs e 13hs, na sala Adoniran Barbosa, das quais qualquer pessoa interessada pode fazer parte, gratuitamente. Desde o início teve crescente e interessada participação de um grupo bastante heterogêneo. Aos poucos, foi se formando o hábito, em um grupo cada vez maior e mais variado enquanto idade, ocupação, formação educacional, procedência dentro da cidade (até de fora dela), nível sócio-econômico, de que aos sábados pela manhã havia a concreta possibilidade de um encontro diferente de qualquer outro encontro que se viva normalmente:

Um Encontro com a finalidade de experimentar ser Ator e Autor de suas próprias histórias, com sentidos individuais e coletivos, ao mesmo tempo. A intenção de proporcionar às pessoas essa vivência-novidade, de dar a si mesmo a possibilidade de se aproximar de pessoas que não existiriam em suas vidas cotidianas está sendo atualizada nos Psicodramas Públicos do Centro Cultural.

Como é habitual em psicodrama, não há tema ou “script” pré-fixado. Tanto se trabalharão questões pessoais, sempre com responsável delicadeza e profunda preocupação ética, quanto com situações institucionais, grupais ou da cidade, das pessoas presentes. Fica feito ao público paulista o convite para usufruir esses momentos, que podem ser vivencialmente muito ricos e significativos.

O método

Apesar de grande experiência em Psicodramas Públicos, os psicodramatistas estavam experimentando uma nova modalidade de direção para este Psicodrama, em função de algumas características próprias do projeto. Uma delas era o fato de ser feito num Centro Cultural, lugar onde convivem diversas formas de manifestações artísticas - teatros, cinemas, exposições de artes plásticas, etc...Embora estivéssemos subordinados ao Núcleo de Ação Educativa (NAE) do CCSP, o local destinado para estes Psicodramas, a Sala Adoniran Barbosa, que é uma sala predominantemente de espetáculos, introduzia um novo elemento para esta atividade - o artístico-cultural - fazendo um caldo diferente para se cozinhar e para criar novos formatos para o métodoômico.

Outro fato característico deste trabalho era a coexistência de público fixo e público flutuante. Embora os psicodramas ocorressem como atos psico-sociodramáticos, esse duplo aspecto do público, fazia, o trabalho ficar caracterizado, também como uma espécie de psicodrama processual.

Sua singularidade ainda tinha como um ingrediente a mais, o espaço. Um espaço aberto e fechado, como descreve, muito bem, Milene Féo a esse respeito, numa comunicação pessoal.

A sala Adoniran Barbosa tem um plano inferior que circunda um grande palco. Essa área em geral é ocupada por aqueles que já conhecem as atividades psicodramática que vêm sendo desenvolvidas naquele horário, ou pelo menos sabem por alto o que vai acontecer ali. Vieram para participar de "algo", mesmo que não saibam exatamente o que, e pretendem, em geral, manter-se ali durante o tempo estabelecido de trabalho. Existe também nesta sala um plano superior que tem seus limites demarcados por vidros com total transparência. Ali em cima também existe um grande espaço que circunda o palco que pode ser ocupado por uma platéia. A transparência, criada pelas paredes de vidro que delimita o dentro e o fora do espaço de ocorrência do evento psicodramático, garante uma razoável "visibilidade" do que está ocorrendo dentro da sala para quem transita pelo Centro Cultural. Dessa forma, transeuntes que por ali passam são ou não afetados pelo trabalho que está em desenvolvimento. A porta, localizada nesse plano superior e que se mantém sempre aberta em todos os eventos psicodramático ocorridos, é um convite para aquela população, especialmente as que se mantêm no plano superior, para entrar ou sair se quiser, permanecer ou apenas dar uma passada e bater em retirada. Não é indecoroso, especialmente no espaço superior, sair durante um trabalho em desenvolvimento e entrar depois dele ter se iniciado. Uma espécie de galeria dos deuses ali se instala, onde cada um decide se fica ou sai.

Com todas estas peculiaridades, os psicodramas são realizados segundo os critérios metodológicos de cada diretor, de cada platéia, de cada ator espontâneo, o que acabou gerando uma diversidade de modelos de direção muito enriquecedora. A combinação destes três elementos - diretor, platéia e atores, mais as três estratégias de direção relacionadas por Knobel (Fonseca, pg 345) - sociométrico, protagônico e de espontaneidade, geraram novos formatos destes sócio-psico-axiodrama que são pesquisados e experimentados a cada sábado. A intenção de manter esta diversidade não foi tão clara no início, mas foi se solidificando e se justificando e se evidenciando na medida do surgimento destas novas formas de direção (como relataremos do Psicodrama de Natal, na segunda parte deste capítulo), ficando com a marca da diversidade. Essas diferentes maneiras produzem um tipo de resistência cultural, entre os espectadores, porque ao entrarem numa sala de espetáculo, onde, comumente, assistem ao que os artistas apresentam, passivamente, são surpreendidos, pelo convite à ação, à colaboração, à criação. Sua passividade não encontra lugar. Uma nova cultura surge. Psicodrama também é cultura. Cultura da participação, da inclusão, do coletivo.

Poderíamos pensar nesta experiência quanto ao método como pesquisa-ação: “maneira de conceber e de fazer pesquisa em Ciências Humanas, onde além de transformar a realidade e de produzir conhecimentos relativos a essas transformações, propõe uma indagação sobre o lugar do homem na natureza e sobre ações organizadas para dar-lhe sentido. Ela serve à educação do homem-cidadão preocupado em organizar a existência coletiva da cidade e em facilitar o processo de criação de formas simbólicas interiorizadas, garantindo a livre expressão do potencial humano –

sua espontaneidade/criatividade”(Weschler, 2005). Comunitário, ético, cidadão quanto ao conteúdo. Sócio-psico-axio dramático.

No final de 2003, a experiência dava mostras de alcançar seus objetivos. Com um público grande constante, e um grande interesse de diretores/psicodramatistas para dirigir estes grupos abertos. E sem remuneração...

Estávamos definitivamente na agenda oficial do CCSP, no Núcleo de Ação Educativa. Isto representava termos mais responsabilidades, tanto com o CCSP, como com o público participante, composto de gente dos mais diferentes lugares, e com toda a comunidade psicodramática. Decidimos então convidar outros colegas para participarem da comissão organizadora, que passou, então a chamar de SUS (equipe de sustentação do CCSP). Toda a nossa organização e funcionamento são supra institucionais, desde o início do projeto, como opção política. Mantivemos vínculos de colaboração com duas instituições reconhecidas do movimento Psicodramático. O Daimon e a Febrap tem nos ajudado na divulgação dos sábados de Psicodrama no CCSP. Além disso, a Febrap, no seu Boletim semanal, também envia o processamento/resumo realizado pelo diretor da semana anterior, que começou a ser solicitado a partir de 11/2004. Em troca este projeto vem ajudando na difusão, divulgação e reconhecimento do Psicodrama que vem se tornando uma referência paulistana.

No dia 20/04/2004 houve a primeira reunião com o SUS. Os convites para estes novos integrantes foram sociométricos. As escolhas foram feitas segundo critério de proximidade, identidade com este tipo de trabalho, e que ocupasse uma posição sociométrica no movimento de Psicodrama que abrangesse uma área diversificada de psicodramatistas.

O SUS é composto de: Claudia Fernandes, Geogia Vasimon, Mariângela Weschler, Milene Féo, Pedro Mascarenhas, Regina F. Monteiro (Réo), e Rosane Rodrigues . Desde o final do 1º semestre de 2005 Marcia Almeida Batista passou a pertencer ao grupo. A coordenação tem sido da Cida Davoli. O Cesarino é nosso presidente de honra. O Murillo Viotti colabora com o serviço operacional. O Ricardo Florez na registro fotográfico.

O funcionamento do SUS se resume em:

- Cada integrante do SUS é responsável por dois sábados em cada semestre. Cabe a ele, neste sábado, a direção do Psicodrama, ou convidar algum outro psicodramatista para dirigir. Caso a direção esteja a cargo de outro colega ele devera acompanhar e prestigiar este profissional no CCSP.

- As faltas, caso ocorram, dos convidados devem ser substituídas pelo diretor encarregado daquele sábado.

- O relatório de cada direção fica a cargo do diretor responsável pelo dia. Seja para fazê-lo, seja para pedir para o diretor convidado.

- As regras e os integrantes do SUS devem ser renovados e avaliados sempre que possível.

- Outros desdobramentos deste grupo, como pesquisas, apresentações de trabalho, vídeos, publicações, poderão ser adotados pela equipe ou parte dela na medida que forem aparecendo.

Duas reuniões de avaliação com todos os psicodramatistas diretores foram realizadas, no decorrer destes dois anos de existência deste Psicodrama no CCSP. Estiveram presentes nas duas reuniões uns grandes números deles, o que mostra o interesse da categoria profissional para este tipo de trabalho.

A primeira reunião foi realizada em 17/11/2003, no Daimon, dois meses depois do início desta atividade. Ela visou fazermos um bate-papo-processamento das direções até então realizada, tendo em vista todas as especificidades já mencionadas. Afinal, a famigerada direção de grandes grupos estava posta em nossa cena para exercitarmos, para pensarmos teórica e praticamente.

Este encontro foi aberto a todos os psicodramatistas interessados neste tipo de trabalho, sempre mantendo a nossa intenção básica de inclusão. Portanto pedíamos que os nossos convidados, replicassem os convites, ampliando a rede sociométrica.

Esta reunião era também para festejarmos este momento. Apesar do desafio, os Psicodramas Públicos estavam sendo um sucesso.

Depois de quase um ano de atividade desenvolvida, fizemos uma segunda reunião em 30/8/2004, também no Daimon. Queríamos fazer um balanço das atividades e ampliar e estimular a participação dos diretores na discussão sobre esta atividade.

Entre os temas para a discussão tínhamos:

Estabelecer temas para a direção? Existiria um tema comum a todos eles neste espaço? E portanto ele poderia ser batizado com outro nome que não fosse Psicodrama Público?

Discutir aspectos singulares do psicodrama no CCSP. Espaço, tipo de público, temas, etc...

Repensar questões éticas deste trabalho como, por exemplo, o uso dos registros fotográfico ou filmado, etc...

Criação de um ritual de apresentação do trabalho no CCSP, visando uma maior unidade e uma certa continuidade entre os diversos trabalhos apresentados.

Necessidade de ampliação da divulgação, co-responsabilizando tanto o público, como os diretores para esta tarefa.

Acreditamos que esta nossa experiência tem atingido seus objetivos. Entre o público, chega a aparecer uma preferência por este ou aquele tipo de direção. Às vezes surgem discussões técnicas, entre eles, tais como; ela trabalha mais o grupo; aquele prefere histórias individuais (sic), como verdadeiros profissionais do assunto. Estas discussões fomentam a verdadeira criação coletiva, instrumentando o público presente com maneiras de participação, ao mesmo tempo que desvaloriza a passividade. Cria-se, então, uma cultura de construção de sua realidade, deixando para trás a cultura passiva-consumista, comum de nossa época. Conteúdo e métodos fazem parte do roteiro do dia e ambos se constroem e se reconstróem e se articulam com a participação de todos:

diretor, atores espontâneos e platéia.

É observada claramente a modificação de comportamento entre os freqüentadores mais assíduos. Um deles, André (33 anos), que ao dar entrevista a uma linda reportagem de capa da Revista da Secretaria da Cultura do Município de São Paulo(junho/2005-n*2), feita sobre os Psicodramas Públicos no CCSP, intitulado “**Psicodrama – O encontro do eu no outro**”; conta; “Sou muito introvertido. Aqui, não só tenho a oportunidade de me soltar, como de aumentar o número de amigos. Além disso percebo que, a cada vez, melho meu comportamento e aprendo mais coisas”.

Temos também, a participação de muitos psicodramatistas em formação, outros já formados que usam este espaço para complementar sua formação. Sem dúvida este tem sido um espaço de pesquisa, de aprendizado, de convivência (entre cidadãos da cidade de São Paulo, entre psicodramatistas que afluem de todos os cantos), e de criação de novos formatos de direção psicodramática.

Sem dúvida tem sido um trabalho gostoso de ser feito, gostoso de coordenar, proveitoso para todos que dele tem participado. Temos muito que pensar e refletir sobre ele.

Psicodrama de Natal no Centro Cultural - O dia que caiu uma estrela do céu ou o dia em que a luz iluminou o que não acreditávamos

A idéia do Psicodrama de Natal surgiu quando pensamos em fazer uma direção de encerramento do ano de 2004 (um ano e meio de sábados psicodramáticos). Planejamos uma direção que extrapolasse a sala Adoniran Barbosa, onde temos realizado todos os Psicodramas; uma direção em grupo (de diretores) para um grupo (de espectadores). Esta idéia foi colocada no SUS, e alguns companheiros aderiram a proposta desta direção conjunta.

Sentíamos a necessidade de fazer uma intervenção grupal que resgatasse o Natal da conserva cultural, retirando a “tutela das Casas Bahia” que com sua insistente campanha publicitária em toda a mídia, usava o slogan: *Natal é nas casas Bahia*, desvitalizava, esvaziava os significados míticos, milenares e originais do Natal, desvitalizando esta tradicional data do calendário cultural, ao mesmo tempo que ia colonizando o nosso imaginário com estes valores consumistas. Esta época, na cidade de São Paulo, passou a ser costume, todas (ou quase todas) as fachadas brasileiras da classe média paulistana se enfeitarem daquelas “irritantes luzinhas” importadas, feitas pelo trabalho chinês. O Natal passou a ser visto como a data onde o que se espera das pessoas é que elas comprem, comprem..., fiquem felizes, independente de tudo o que vivem durante todo o ano. Também existe a expectativa que neste dia ajudemos as pessoas mais humildes, uma generosidade que não se vê, nem de longe nem de perto durante todo o ano; vemos então os empregados serem

chamados para comerem na casa de seus patrões, os pobres são agraciados com presentes dos ricos, às vezes são trocados “até” sorrisos e palavras. O Natal permeado pelo dinheiro, pelas compras, pela “generosidade” pontual, pela cogito; CONSUMO LOGO EXISTO.

Nossa idéia axiodramática era colocar em questão todos estes valores “natalinos” no palco. conservados, naturalizados, resultado de uma construção cultural, e capitalizados pela indústria dos bens de consumo. Queríamos revitalizar os mitos fundantes, ou melhor, estabelecer o cenário conflitivo entre a criação de sentido e a repetição incansável de idéias conservadas. Entre o papel repetido e o papel criativo. A partir daí recriar um rito, como Naffah (pg 47) traduz tão bem:

“psicodramatizar consiste, antes de tudo, num ato de busca, num processo de descoberta; é saber entrar nos caminhos tortuosos do Drama para desmascarar seus embustes e desmistificar a sua trama; é poder mergulhar nas cavernas obscuras do mito e enfrentar fantasmas para resgatar das correntes obscuras do que já não é, a verdadeira possibilidade do vir-a-ser”.

Pensamos em coletar entre as pessoas ali presentes, histórias de Natal, mitos ou contos, rituais relativos ao Natal que mais fazia sentido a elas. Talvez pudéssemos recuperar algo que houvesse ficado esquecido na família – algum costume de um antepassado migrante, ou imigrante, por exemplo. Assim veríamos explicitado e colocado no palco a diversidade cultural do grupo.

Pesquisamos, também, mitos de Natal de diversas etnias, de diferentes lugares do mundo, de diferentes religiões para levarmos ao público.

Por este ou por aquele caminho tínhamos como objetivo predominante, resignificar ou mesmo significar o Natal, portanto realizar um axiodrama.

“O axiodrama trata da ativação dos valores religiosos, éticos e culturais na forma espontânea-dramática. O conteúdo original do psicodrama era axilógico. Ao contrário das afirmações encontradas em livros atuais, comecei com o psicodrama de cima para baixo. Primeiro foi o axiodrama (1918), em segundo lugar veio o sociodrama (11921); o psicodrama e suas aplicações nas doenças mentais foi o último estágio de desenvolvimento”. (Moreno, p33)

Com todas estas idéias na manga, Mariângela Weschler, Rosane Rodrigues, Regina F. Monteiro (Reo) e eu, como diretores, mais Marina Costa, Leila Kim, Ana Tereza Estrela e Nivio Diegos, (egos auxiliares) e Miguel Banduk (músico), Ricardo Florez e Eva C. Tesch (fotógrafos) e mais um saco de balas, velas, gorros de Papai Noel, mirra, violão e muita vontade e animação partimos para fazer o Psicodrama de Natal.

Utilizava como *leitmotiv* (termo retirado da música e utilizado pelo teatro, para o tema musical recorrente, espécie de refrão melódico que pontua a obra. O encadeamento dos leitmotive forma, na verdade, uma espécie de metáfora paulatinamente desenvolvida, que se impõe a obra toda lhe dando o tom (Pavis, pg 227): **vamos resgatar o Natal das Casas Bahia**. Uma frase bastante familiar para a população ali presente. Esta frase repetida diversas vezes, dava o tom, com ironia, da conserva cultural que o significado do Natal estava enredado. As pessoas são, na verdade, menos

consumidoras e mais consumidas pelos consumos que devem fazer. É o embuste do drama que Naffah se refere.

Todos os diretores em seus diferentes lugares iam perguntando para as pessoas, como eram seus costumes no dia de Natal. Os diretores que estavam fora da Sala Adoniran Barbosa, após um tempo de pesquisa com o público externo à sala, vinham aos poucos chegando com pessoas, com as histórias colhidas. Começava a grupalização entre os diferentes grupos, numa roda, para compartilhar entre todos, suas histórias. Entre elas, destaco:

“No Natal as pessoas se fecham em caixinhas (famílias) e não olham para fora”.

“No Natal a família do S. Filgueiras escreve contos”.

“No Natal caiu um skate do céu e aí eu acreditei em Papai Noel”.

“Foi muito ruim quando eu não acreditei mais em Papai Noel”.

“Eu não queria que Papai Noel chegasse sozinho, então, como todo mundo estava na porta dos fundos de casa, esperando o velhinho, eu fui para a porta da frente, para lhe dar as boas vindas caso chegasse por essa porta... então todos foram para a porta da frente... fui para a porta dos fundos... então todos foram para a porta dos fundos, então...”

“Eu queria ver como eram as renas que traziam o papai Noel...”

“Na Argentina, as pessoas no dia de Natal, escrevem cartas endereçadas a outras pessoas, ao presidente da República, contando coisas íntimas, queixas, culpas, segredos etc. No dia de Reis, dia 6/01, abrem-se as cartas as cartas e elas são lidas em voz alta para todos os presentes.”

“Na Vila Tibério os velhos põem as cadeiras na rua e ficam conversando.”

E como seria na periferia de São Paulo, a chegada do Papai Noel? pergunta alguém.

Peço para alguns atores montarem esta cena.

Cena I - meninos brincando quando chega o Papai Noel – alguns se alegram, outros se iludem, uns olham com desconfiança. O Papai Noel distribui balas entre eles. Sai o Papai Noel da cena. Os atores/meninos olham-se com certa desconfiança para aquele “bom velhinho”. Aos poucos vai se restabelecendo a confiança entre eles e recomeça a brincadeira com muita alegria. Sem o Papai Noel.

Algumas crianças presentes fazem guerra de balas, se movimentam, enquanto os adultos, na roda, conversam, contam histórias. Parece uma cena de qualquer família, num dia de Natal.

Cena II O diretor focaliza esta cena, dramatizando a presença das crianças, no meio da conversa dos adultos. A eletricidade e excitação das crianças contamina o grupo. Todos brincam de guerra com as balas, todos se movimentam. O diretor pede Estátua (Usei este termo para me referir a uma brincadeira infantil – ESTÁTUA – muito conhecida, onde os participantes do jogo ficam parados semelhante a técnica psicodramática do Congelamento, por estar entre crianças). Peço então para as crianças fazerem uma imagem dos adultos – um deles faz um gesto indescritível, mas eloquente, significando a impaciência dos adultos quando as crianças excitadas, não param e

atrapalham a conversa. O Público todo vê. Ri. Reconhece-se. Em seguida, peço a esse ator mirim que monte uma estatua de uma criança. Ele faz uma imagem quase que endemoniada, – também indescritível. Novas risadas no público. Sinal de identificação. As outras crianças, espontaneamente contracenam com aquele “protagonista”, complementando ora a criança, ora o adulto. Podemos por um momento, com o palco a nossos pés, identificarmos uma cena tão familiar a nós que é o conflito/encontro entre as crianças e os adultos que acontece nas festas de Natal. O diretor pede para o nosso jovem ator, que faça a o adulto...faça a criança, numa transformação rápida, divertida e que através dela expresse a diferença axiodramática, podemos dizer, vivida pelo adulto e pela criança daquela e naquela comemoração. São duas expressões opostas numa diferença mágica, plástica, estética e ética. O diretor dá visibilidade aquele conflito entre o novo e o velho, o estabelecido e o criativo, coordenando pontos de vista diferentes. Após algum tempo, as crianças, espontaneamente se retiram da sala. Já foram vistas, já foram reconhecidas, já existem. Podem ir.

Cena III A diretora conta: Os povos mesopotâmicos, desde 4.000AC, comemoravam um ritual pagão no solstício de inverno– a noite mais escura e mais fria do ano. Nestas noites, usava-se acender velas nas árvores para iluminar a escuridão, aquecer no frio e espantar os maus espíritos. Esta celebração depois é adotada pela Igreja Católica para comemorar o nascimento de Jesus, considerado como a luz que veio para salvar.

O diretor pede, então, para os presentes, fecharem os olhos, ficarem sem luz e olharem para dentro de si e verem sua própria escuridão que precisa ser iluminada.

Temos muitos Arlindos na platéia que só acreditam no que pensam, ou no que são conduzidos a pensar, e não acreditam no que vêem. Ensimesmados, não se afetam pela relação. Seu pensamento é cheio de nostalgia e amargura: O Natal é sempre cheio de amor (como diz todas as propagandas veiculadas em nossas mídias), como não existe mais amor entre as pessoas, não existe mais Natal. O pensamento dos Arlindos traduz esta rigidez, o imaginário aprisionado na conserva cultural, na propaganda enganosa, na dor e na não delícia de sermos só o que os outros querem que sejamos. **A centelha divina, proclamada por Moreno, inexistente. Não sabem mais no que acreditam; se no que vêem, ou no que estão condicionados a pensar.**

Cena IV - Em volta da mesa onde está colocado um pé de uma planta chamada mirra (foi um dos presentes que os reis magos levaram para Jesus em Belém – além de incenso e ouro) três atores começam a montar uma cena de Natal. É um jogo feito com as velas verdes e vermelhas, que eles trocam entre eles refazendo e resignificando os símbolos, os mitos, os ritos num processo colaborativo e alegre. Tentam arrumar as velas sobre a mesa. Alguns símbolos do Natal compõem o cenário, onde acontece esta cena, como velas, luzes, mirra. É uma nova construção que procura reintegrar a tradição, a conserva cultural, trazendo novos significados. Arlindo ao ver esta cena criada por este grupo como uma forma de comemoração de Natal, diz, muito baixo e tímido, quase que para ninguém escutar que aquilo não era Natal, vendo o clima de camaradagem e alegria

existente entre os atores, o que contradiz suas convicções. (O Natal das casas Bahia tem presentes, lavadoras, TVs de todos os tamanhos, numa promessa de muita felicidade e muito amor). Naquela cena só temos mirra, vela, roupa comum, sem Jesus, sem manjedoura. Vê afeto entre eles. Mas não existe mais amor. Arlindo não sabe no que acreditar. No que vê, ou no que pensa. Um dos atores que estão montando este jogo/cena, que é um cineasta, profissional das artes visuais, responde com muita tranqüilidade a observação do Arlindo. Então você acredita em Natal...(Querendo dizer que se ele esta vendo, esta também é uma realidade. Existem outras realidades. Não uma só realidade.) Eu como diretora daquele grupo, fico absolutamente afetada por aquele encontro. Emociono-me. Peco então ao grupo que ressoe esta frase – Então você acredita em Natal. Uma pequena lágrima escorre do rosto do Arlindo, talvez querendo acreditar em algum outro sentido, em outras realidades.... menos solitário, afetado pelos outros.

As Celias, as Claras choram sem parar, sentem, ressentem, porque não conseguem viver o Natal segundo a expectativa social, (comprar, ser feliz, família de origem unida e feliz). Toda a escuridão que tem dentro de si deve ficar escondida, vivida solitariamente, porque nesta data temos que ser felizes. No cenário das cidades e das casas, as malditas luzinhas....

Cena V - O diretor faz um duplo da Celia: “no Natal a minha família está toda desarticulada e gostaria muito que lá tivesse um pouco mais da proximidade que posso sentir e ver aqui”. O grupo ao “ver” aquela nova vela/Camila se acendendo, a partir da sua escuridão vai se aproximando. Todos rodeiam Camila que vai se sentindo muito acolhida. A escuridão, a solidão e a luz de todos sendo compartilhada faz surgir uma forte emoção e muito calor dentro e fora do grupo. A protagonizarão de Camila é evidente dentro do grupo. Ela consegue expressar o que o Arlindo havia tentado anteriormente, que era a vontade de se aproximar do outro. Confiar no outro. Não pelo dever (porque é natal), mas pela falta, pela necessidade. E o grupo complementa rapidamente, talvez também precisando da proximidade.

O Anésio, um dos participantes que veio a convite de um dos diretores que no início da atividade estavam fora da Sala Adoniran Barbosa, veio para ficar só um pouco, porque precisava estudar para o vestibular. Ficou “olhando” lá de cima da Adoniran...., mas neste momento, ainda estava lá. Quem entrava não saía. Ficava capturado por toda aquela luz e calor que emanava do grupo.

Cena VI - O grupo começa a acender as velas, distribuídas pela equipe. A emoção e muito forte. Algo muito mágico acontece entre aquelas pessoas, que estão no palco, na platéia superior e na inferior. Religação consigo mesmo, com o restante do grupo, sagrado, revelador do Drama escondido, rito profano.

De repente uma nova forma de celebrar o Natal...Todos em roda, começam espontaneamente a trocar velas entre si. Depois das trocas, vão se juntando, com as velas levantadas para o alto. Luzes que emanam da escuridão dissipada

Cena VII - De repente uma estrela que cai, traz movimento para aquele rito adulto que esta sendo criado.... Uma criança que ainda participava do Psicodrama, sai daquela roda de adultos, com suas velas acesas e começa a fazer estrelas (aquela pirueta que se faz apoiando as duas mãos no chão e os pés fazendo um giro no ar de 360°). O efeito estético daquele movimento na cena fazia pensar mesmo numa estrela que caia do céu. Alias, havia sido esta mesma menina que tinha contado a historia do skate que havia caído do céu (lareira) no seu ultimo Natal, fazendo-a a continuar acreditando no Papai Noel.

O grupo também, neste momento, volta a acreditar no Papai Noel. No Natal. No renascimento, no calor quando está frio, nas luzes que surgem da escuridão e a iluminam. Voltamos a acreditar que podemos recriar o Natal.

Neste momento, estávamos cultivando uma nova celebração do Natal, coletivamente, ativamente. Quando o psicodrama também e cultura!

Camila segura o microfone e canta bem alto; “Viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar, e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz”

O método

O método usado é uma combinação de discussão dramatizada, Teatro Debate, Teatro Fórum, roda de história, Play Back, todos focando o individual e o grupal, ao mesmo tempo, resultando num sócio-psico-axiodrama.

A discussão dramatizada foi criada pela Milene Feo por ocasião do II congresso Ibero Americano, como uma modalidade dinamizadora para as mesas redondas. Trata-se de desenvolver verbalmente algum tema, seguido de ressonâncias dramáticas. A discussão prossegue, enriquecida pela dramatização. As cenas ressonantes vão crescendo em intensidade. Do mesmo modo, a discussão vai se ampliando e se aprofundando.

O teatro debate, desenvolvido por Moysés Aguiar, modalidade dramática, procura articular a discussão verbal de um tema com técnicas de improvisação teatral fomentando a criação coletiva do enredo.

O teatro fórum inventado por Augusto Boal é um teatro onde a participação do publico é requerida, guardando muita semelhança com o teatro espontâneo. Com a diferença que a criação de Boal, traz sempre histórias já prontas para o público, sempre com conteúdo, enredos de opressão.(Sua intenção é que os espectadores aprendam os mecanismos pelos quais uma opressão se produz, e sua conseqüente formas de evitá-la.) (BOAL,1998)

A roda de historias é tão antiga como o mundo e traz o sentido da transmissão oral da cultura, de vizinhança, familiaridade. Num circulo, as pessoas contam suas historias. Muito comum em volta de uma fogueira.

O play-back é uma de improvisação teatral feita a partir da historia contada por um

participante do grupo. O play-back ao contrario do teatro fórum, não parte de nenhum pressuposto temático sobre o grupo, mas acredita que a partir das historias narradas, o grupo sempre levanta temas de importância para eles.

Articulando todos estes métodos, junto com as historias que vão surgindo, busco a dramaticidade e o enredo do grupo. Focalizo novos sentidos para o tema que vão se desdobrando, mostrando novas faces, novas dobras da realidade. O individual e o coletivo caminham lado a lado nesta articulação metodológica. O aquecimento dos papeis de autores, atores e platéia são desenvolvidos a partir , tanto da roda de historias (ai se acumula muito texto do grupo), como das cenas ressonantes, ou representações. Os atores espontâneos se preparam quer encenando as micro-cenas, quer assistindo ou mesmo sugerindo alterações no que vêem. Uma platéia ativa. Co-emocionada como queria Artaud.(1984, pg36) vão produzindo uma nova cultura – a produção de realidades, de culturas e não só de consumidores passivos (ou oprimidos como queria Boal) da industria cultural.

Estas cenas, que no início se apresentam como contribuições individuais, com o evoluir da psicodrama, vão se construindo e constituindo num texto grupal. A representação (psico-socio-axio-dramatização) – rerepresentação combinada dos relatos – começa a falar por si mesma. Não como somatória de individualidades, mas como verdadeira grupalidade.

A teatralidade substitui o teatro textocêntrico.

O textocêntrismo – maneira de se fazer teatro onde a representação é fiel ao texto escrito por um dramaturgo. Esta forma teatral, a partir dos anos 70, vem perdendo sua força e começa a surgir um novo teatro cujo texto que assistimos no palco é o resultado de um processo colaborativo entre atores, diretores e dramaturgos. Às vezes inspirados numa obra dramatúrgica, posteriormente modificado e reinventado pelo grupo teatral, no processo de preparação do espetáculo. Esta nova modalidade de fazer teatro é bastante sintônica com o nosso modo de fazer psicodrama. Os textos de alguns indivíduos do grupo compõem uma parte do diálogo cênico, capturados pelos novos atores, que o modificam, ditos em outros cenários, novas posturas corporais, produzindo novos sentidos, realizando o que entendemos por criação coletiva.

Desta maneira, todas estas contribuições, todo esse empenho do grupo, vai em busca da teatralidade. “Tudo o que não obedece à expressão pela fala, pelas palavras, ou se quisermos, tudo o que não está contido no diálogo”. Ou ainda, teatralidade quer dizer a maneira especifica da enunciação teatral, a circulação da fala, o desdobramento visual da enunciação (personagem/ator) e de seus enunciados, a artificialidade da representação. A teatralidade se assemelha a projeção, no mundo sensível, dos estados e imagens que constituem suas molas ocultas, a manifestação do conteúdo oculto, latente que acoita os germe do drama. (Pavis, 1999, pg 372)

A busca dessa teatralidade tem como objetivo a desconservação cultural de alguns mitos, ritos, preconceitos, automatismos, comportamentos. A hibridação dos textos, o diálogo cênico, dos

acontecimentos surgidos no grupo, das emoções, faz com que atores espontâneos possam ser capazes de criar. O role creating surge pelo contágio afetivo com o outro, e pela vertigem dos acontecimentos. Não só pelo caminho mental. Sentir-se em grupo. O público pode ver uma cena criada pelo grupo, não a cena contada por um indivíduo, onde ele se identifica, mas onde ele reconhece sua autoria. Percebe assim como é construída a sua realidade. Com quantas tabuas se faz uma canoa.

Considerações Finais

Da perspectiva metodológica podemos, então, comentar:

Axiodrama porque intervêm em valores narcisistas, individualizantes. O Natal pode ser nosso também, não só das Casas Bahia. Com ou sem lavadoras, TVs...

Sociodrama porque o grupo, na medida que cria e dramatiza suas histórias, transforma a configuração sociométrica inicial.

Psicodramático porque se há novos diálogos entre novos papéis e outros personagens, o eu que advêm dos papéis psicodramaticos, modifica os papeis sociais.

Quanto ao conteúdo, Uma estrela que caiu do céu. O Psicodrama Público no CCSP é para nos, esta estrela que caiu do céu, em maio de 2003, que conseguimos a muitas mãos focalizar, ampliar, cultivar e que agora esta entre nos. E que com seu pequeno e constante brilho pretende transformar os atores sociais em autores, e quem sabe em futuros diretores de suas próprias tramas e dramas.

Nas lindas palavras de Merengue (1994 pg 83):

“O Psicodrama, mais que uma tentativa de provocar”vivencias”, revela-se um modo de contatar o invisível. Debater-se nessa invisibilidade, tatear no escuro, lutar contra o opressivamente nebuloso. Psicodrama identificado com a idéia de jogo de possibilidades, busca de enredamento/desenredamento”.

Uma nova cultura dentro de um Centro Cultural. Um teatro onde os atores e autores são o próprio público. O palco esta na platéia também. A quarta parede do palco imposta pelo teatro burguês, para dissimular a platéia que assiste, definitivamente desaparece no nosso teatro. A platéia, ao contrario é inteiramente responsável pela “obra de arte” do dia. A vida comum e cotidiana pode ser vista e representada no palco. A criação do novo rito é feito pela reciclagem do velho mito, através das novas relações interpessoais que surgem propiciadas pela experiência psicodramatica.

Esperamos que este artigo leve ao você leitor um pouco do que vem acontecendo aos sábados no CCSP. Se essa proposta te entusiasma, te afeta, venha também participar. Estamos te aguardando.

Referências bibliográficas

Artaud.A. O teatro e seu duplo. São Paulo: Max Limonad, 1984

Boal, Augusto. Jogos para atores e não atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

Cohen, Renato. Work in progress na cena contemporânea. São Paulo: Perspectiva - 1998

Cukier, Rosa. Palavras de Jacob Levy Moreno. São Paulo: Ágora, 2002

Fonseca, Jose. Psicoterapia da Relação. São Paulo: Ágora, 1999

Moreno, J.L. Quem sobreviverá livro 1. Goiânia: Dimensão Editora ,1992

Naffah Neto, Alfredo. Psicodramatizar . São Paulo: Ágora,1980

Pavis ,Patrice. Dicionário de Teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999

Petrilli,S.R.A(coord). Rosa-dos-ventos da teoria do Psicodrama. São Paulo: Agora – 1994

Weschler, M P.F. Pesquisa-Ação e Métodos Socionômicos; uma conexão possível? In Anais do XIV Congresso Brasileiro de Psicodrama, B.H. junho/2004

Este texto teve a colaboração prestimosa de Mariângela P.F.Weschler e Regina F. Monteiro.